

COMO MOSTRADO NO FILME **EVERESTE**

DEIXADO PARA MORRER

BECK WEATHERS
COM STEPHEN G. MICHAUD



**DEIXADO
PARA MORRER**

DEIXADO PARA MORRER

BECK WEATHERS
COM STEPHEN G. MICHAUD

TRADUÇÃO DE CATHARINA PINHEIRO



Copyright © 2000 by S. Beck Weathers
Copyright do prefácio © 2015 by S. Beck Weathers

Originalmente publicado por Villard Books/Random House como
Left for Dead: My Journey Home from Everest

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução do
todo ou de partes da obra em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL

Left for Dead

PREPARAÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Marcela de Oliveira

Nina Lua

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

DESIGN DE CAPA

Aline Ribeiro

FOTO DE CAPA

Jonathan Griffith/Aurora/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W378d

Weathers, Beck

Deixado para morrer / Beck Weathers, Stephen G. Michaud; tradução
Catharina Pinheiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

256 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Left for dead: my journey home from Everest

ISBN 978-85-8057-802-7

1. Weathers, Beck, 1946 - Viagens - Everest, Monte (China e Nepal).
2. Everest, Monte (China e Nepal) - Descrições e viagens. 3. Alpinismo
- Everest, Monte (China e Nepal) - História. 4. Sobrevivência após
acidentes aéreos, naufrágios, etc. I. Michaud, Stephen G. II. Título.

15-24537

CDD: 920.71

CDU: 929-055.1

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Peach, Beck II e Meg, cuja visão me deu a força necessária para me levantar e deixar a morte para trás; Madan K. C., que nos mostrou o poder de um coração destemido; David Breashears, Ed Viesturs, Robert Schauer, Pete Athans e Todd Burleson, por terem me mantido na irmandade da corda; e em memória de Andy Harris, Doug Hansen, Rob Hall, Yásuko Namba, Scott Fischer, Ngawang Topche Sherpa, Chen Yú-Nan e Bruce Herrod — minha mais sincera solidariedade às suas famílias.



Beck e seu irmão, Dan, no Nepal antes de embarcar em um avião para os Estados Unidos.

Prefácio e atualização de 2014

No dia 10 de maio de 1996, na Zona da Morte do monte Everest, nove indivíduos faleceram durante uma tempestade de neve. No dia seguinte, um deles recebeu uma segunda chance. A memória que tenho da minha morte no dia 10 de maio é vaga — o frio me anestesiou e eu me rendia aos poucos, sem saber naquele momento que estava prestes a padecer minha primeira morte. No dia seguinte, no fim da tarde, enquanto o sol se punha no horizonte, voltei do mundo dos mortos e abri os olhos. O que aconteceu foi um milagre, mas também um mistério que depois de todos esses anos ainda não consegui desvendar.

Mesmo usando todas as minhas forças, eu mal conseguia ficar de pé. Estava perdido. Quase cego. Minhas mãos estavam congeladas. Meu rosto havia sido destruído pelo frio. Fazia três dias que eu não comia e dois que não bebia água. A probabilidade de conseguir encontrar o Acampamento Avançado sem ajuda era quase zero. Lembro-me de ter começado a andar, enfrentando o vento e rezando por salvação, mas aos poucos fui compreendendo que não sairia dali vivo. Olhei para cima. O sol formava quinze graus com o horizonte. Em uma hora, a escuridão cobriria a montanha novamente, e eu ficaria de joelhos e aceitaria que o frio se apossasse do meu corpo uma última vez.

Se você soubesse que em uma hora estaria morto, em que pensaria? O que aqueles últimos instantes têm para você? Naquele momento, não me

surpreendi ao me deparar com minha mulher, Peach, e meus dois filhos. Na minha mente, a imagem deles era clara como se estivessem bem ao meu lado. Talvez os seus últimos pensamentos sejam diferentes, mas posso garantir que você não pensará nas suas conquistas nem nos aspectos materiais da sua existência.

Costumam me perguntar onde fui criado. A resposta, considerando que meu novo aniversário é 11 de maio de 1996, é Dallas, Texas. É óbvio que as pessoas querem saber sobre o drama da montanha, mas na verdade essa foi de longe a parte mais fácil da minha jornada. Quando voltei para Dallas, minha vida estava devastada. Meu casamento estava praticamente acabado. O relacionamento com meus filhos estava desgastado, e eu duvidava que pudesse voltar a trabalhar. Não sabia como sustentaria minha família.

A depressão que havia me dominado por tantos anos desaparecera, porém eu temia que ela emergisse outra vez para assumir o controle da minha existência. Fiquei surpreso por Peach não ter me abandonado, ainda que isso fosse contra a sua natureza. Ela me deu um ano para provar que eu era uma pessoa diferente do homem que partira para o monte Everest. Eis o segundo milagre: a chance de provar a Peach que eu era um indivíduo diferente, capaz de mudar. Esse é um dos principais temas deste livro.

Quando voltei da montanha para casa, não tinha interesse em escrever um livro. Pouco depois da tragédia do Everest, saíram algumas publicações, incluindo *No ar rarefeito*, de Jon Krakauer, que documentou muito bem os detalhes da escalada. Eu não estava interessado em repetir o mesmo tipo de narrativa — embora supusesse que seria muito fácil vender uma versão mais leve de *No ar rarefeito*.

Além disso, havia a possibilidade de eu obter sucesso comercial com um livro que apontasse vilões e os atacasse para criar controvérsia. É claro que havia interesse em um livro escrito por mim e pela Peach, mas algo como a história de um casal apaixonado lutando contra as adversidades, transformando-nos em um exemplo maravilhoso para outras pessoas. Infelizmente, nosso casamento estava por um fio, e não era certo que sobreviveria. Não éramos esse par ideal. Um dos principais motivos de eu ter me casado com Peach era o fato de ela ser uma pessoa muito melhor do que eu, sempre

atenciosa com os outros. Pelo menos, eu tinha essa autoconsciência. Peach casou-se comigo porque eu não era uma pessoa entediante. Sem dúvida nós dois recebemos o que esperávamos, embora eu desconfie que ela teria sido mais feliz se eu fosse um pouco mais entediante.

Escrever uma história sobre o Everest do nosso ponto de vista não seria o tipo de conto triunfante sobre alpinismo em que indivíduos extraordinários superam grandes adversidades para chegar ao topo de uma famosa montanha, subjugando assim a natureza. Nossa história está mais para uma tragédia, em que as dificuldades são superadas pela perseverança. No final das contas, este foi o motivo que me levou a escrever um livro: demonstrar o preço pago não só por aqueles que pereceram na montanha, mas principalmente pelos que foram deixados para trás. Os pais, cônjuges, irmãos e amigos que terão de seguir em frente com um eterno vazio em suas vidas. Para escrever um livro sobre isso, precisei aceitar o fato de que precisaria retratar a realidade do meu próprio espírito cheio de falhas, o que demandaria uma honestidade brutal e no mínimo desfavorável à minha imagem, além de expor partes da minha vida das quais não me orgulho.

A obsessão pelo alpinismo é uma atividade egoísta, e não há como fingir o contrário. Ao ler o livro pronto, percebi como Peach e eu tínhamos lembranças completamente diferentes de várias experiências que havíamos vivido juntos. Nós dois contávamos a história de acordo com nossas próprias lembranças, mas em muitos casos parece que estávamos em universos diferentes. Meu coautor, Stephen Michaud, entrevistou e apresentou as vozes de cada um dos demais personagens desta história. Todas as partes do livro narradas do meu ponto de vista foram escritas por mim. A história retratada em *Deixado para morrer* vai até o ano 2000. Estávamos começando a digerir a tragédia na montanha e a grande tragédia da perda do irmão de Peach.

Desde então, a vida foi aos poucos voltando ao normal. Em vários dias, quase não lembro que perdi as mãos; minha nova realidade já se tornou algo comum. Quando retornei do Everest, não podia imaginar que seria capaz de ver algo positivo na experiência. Mas o golpe que levei me forçou a parar e reavaliar minha vida, pois eu simplesmente não poderia continuar vivendo como antes. Os padrões de comportamento que fizeram de mim um médi-

co bem-sucedido estavam destruindo os meus relacionamentos pessoais, e eu soube que teria chegado ao fim da vida como um indivíduo de muito sucesso, mas solitário.

Patologia, a meu ver, é algo que qualquer idiota instruído pode fazer sozinho em uma sala. Tenho a capacidade de olhar para lâminas de tecido humano, analisar uma fatia de qualquer parte do corpo de um indivíduo, não importa a idade que ele tenha, e dizer se o tecido está normal ou doente. Embora seja uma carreira envolvente, com quebra-cabeças interessantes para resolver, não é exatamente o que poderíamos chamar de uma profissão socializadora.

Oportunidades maravilhosas que eu jamais poderia ter imaginado surgiram da tragédia no Everest. Desenvolvi uma segunda carreira como palestrante profissional. Falar em público me coloca no mundo de outras pessoas, e enquanto estou ali com elas mergulho em uma profissão diferente, em um universo à parte de indivíduos que levam vidas muito diferentes da minha e que acho fascinantes. De certa forma, sempre fui um contador de histórias. Peach vive dizendo que eu falo até com as paredes. Gostar de contar histórias é uma característica das pessoas do Sul dos Estados Unidos e quando menos esperava acordei com uma ótima.

Isso é algo que tem me trazido muito prazer ao longo dos anos.

Hoje, já existem um filme e uma ópera sobre o Everest, ambos concluídos recentemente. No filme, sou interpretado por Josh Brolin. Acho que foi uma escolha bem acertada, já que ele é texano — e, portanto, capaz de entender e replicar os texanismos que fazem parte do meu modo de falar. Acredito que Peach também ficou muito satisfeita ao ver Robin Wright fazendo seu papel.

Tive a oportunidade de me encontrar com o elenco, o diretor e o produtor do filme no hotel Chateau Marmont, em Los Angeles. Tentei emplacar o trocadilho Chateau Marmota (uma criatura pequena e peluda comum em regiões montanhosas), mas não acho que eles tenham apreciado meu humor de alpinista. De todo modo, continuei tentando.

Uma das coisas que têm me dado grande satisfação é conhecer outros indivíduos que também sofreram traumas graves, seja por causa de doenças ou de acidentes no alpinismo. Tento encorajá-los e ajudá-los a aceitar a

realidade da transformação sofrida em suas vidas, fazendo-os compreender que uma mudança repentina é, sem dúvida, chocante e difícil, mas que com o passar do tempo chega-se a um ponto em que mal percebemos nossas novas limitações. A pessoa se ajusta e segue em frente, ainda capaz de ter uma existência completa e significativa.

Nos últimos anos, o mais importante tem sido seguir com nossas vidas. Chamo isso de “a maravilhosa simplicidade da vida”. Peach e eu reerguemos nosso relacionamento e estamos nos tornando um bom par de chinelos velhos, confortáveis um com o outro e com a perspectiva de envelhecermos juntos nas nossas cadeiras de balanço. O prazer da convivência com os filhos e netos é algo que ansiamos com muita expectativa.

Nossos filhos, Beck II e Meg, eram pré-adolescentes na época da tragédia no Everest e agora são adultos bem-sucedidos. Os dois estudaram em universidades que me teriam me olhado torto há cinquenta anos, quando ingressei na faculdade. É muito gratificante vê-los se saindo tão bem.

Quando as crianças deixaram o ninho, o enorme instinto materno de Peach foi duramente desafiado. Pouco a pouco, adquirimos cinco gatos e quatro cachorros. Costumo dizer que, se você pragueja contra um gato, acaba com pelos nos dentes. Eu estava começando a ficar preocupado, achando que logo seríamos a piada do noticiário da noite: “Fiquem ligados para não perderem o vídeo da maluca dos gatos do norte de Dallas.” Por sorte e para a nossa felicidade, ganhamos a nossa primeira netinha, Zara, que nasceu no dia 25 de março de 2014. Ela é uma alegria para nós, com seus olhos castanhos enormes e um sorriso capaz de fazer corações derreterem.

À medida que envelheço, estou aos poucos alcançando um estado de paz e não preciso mais me definir pelo sucesso, por metas ou por qualquer coisa externa. Apenas saboreio o dia a dia com a minha família e os meus amigos e espero que a segunda morte demore muitos anos para vir, pois assim poderei continuar desfrutando o momento — e não projetando a felicidade em um futuro que nunca chega. A vida é boa.

PARTE UM



Beck no Acampamento Base do Everest.

UM

Na noite de 10 de maio de 1996, uma nevasca mortal assolou a parte mais elevada do monte Everest, confinando a mim e dezenas de outros alpinistas na Zona da Morte da montanha mais alta da Terra.

A tempestade começou como um murmúrio baixo, distante, e rapidamente se transformou em uma neblina densa e barulhenta, permeada por pedacinhos de gelo. Ela assomou o monte Everest e nos engoliu em questão de minutos. Não conseguíamos enxergar sequer nossos pés. As pessoas ao redor desapareciam na brancura retumbante. A velocidade do vento naquela noite ultrapassou os 130 quilômetros por hora. A temperatura ambiente caiu para -51°C .

A nevasca arremeteu contra o grupo da qual eu fazia parte no momento em que descíamos um declive muito íngreme conhecido como Triângulo, logo acima do Acampamento Quatro, também chamado de Acampamento Avançado. Fica no Colo Sul do Everest, um desfiladeiro de rochas e gelo a oito mil metros de altitude, apenas 848 metros abaixo do cume da montanha.

Dezoito horas antes, partíramos do Colo Sul em direção ao topo, nossa árdua jornada encorajada por um céu noturno sereno e sem nuvens que durou toda a madrugada, até ser substituído por um amanhecer espetacular no teto do mundo.

E então vieram a confusão e o desastre.

Dos oito clientes e três guias no meu grupo, cinco nunca chegaram ao topo, entre os quais eu me incluo. Dos seis que conseguiram, quatro seriam

mortos, mais tarde, pela tempestade. Entre eles estava o líder da nossa expedição, Rob Hall, de 35 anos, um neozelandês gentil e bem-humorado com um currículo lendário no alpinismo. Antes de morrer congelado em um buraco na neve perto do topo do Everest, Rob transmitira por rádio uma mensagem de despedida comovente para a esposa grávida, Jane Arnold, que estava na casa deles em Christchurch. Outra triste fatalidade foi a da franzina Yasuko Namba, de 47 anos, cujo último contato foi comigo, nós dois aninhados naquela noite terrível, perdidos e congelando durante a nevasca no Colo Sul, a apenas quatrocentos metros do calor e da segurança do acampamento.

Quatro outros alpinistas também pereceram na tempestade, tornando 10 de maio de 1996 até então o dia mais mortal nos 75 anos desde que o intrépido professor britânico George Leigh Mallory tentou escalar o Everest pela primeira vez.

O dia 10 de maio começou com bons presságios para mim. Eu estava exausto e ofegante depois do enorme esforço para chegar tão longe, mas também me sentia forte e lúcido, tanto quanto possível para um alpinista amador de 49 anos sob o severo estresse físico e mental provocado por aquela altitude. Já tinha escalado oito das maiores montanhas espalhadas pelo mundo e havia treinado como um louco para isso, determinado a provar para mim mesmo que era capaz de superar o desafio máximo.

Eu sabia que menos da metade das expedições ao Everest conseguiam levar um único membro — cliente ou guia — até o topo. Mas queria entrar para um grupo ainda mais seletivo, o das cerca de cinquenta pessoas que haviam completado a lista dos chamados Sete Cumes — ou seja, escalado a montanha mais alta de cada um dos sete continentes. Só teria mais um pico pela frente se eu alcançasse o cume do Everest.

Eu também sabia que por volta de 150 pessoas haviam perdido suas vidas na montanha, a maioria em avalanches. O Everest já engoliu dezenas de vítimas, sepultando-as em neve e gelo. Como se para ressaltar sua total indiferença em relação a quem tenta escalá-lo, o monte zomba de seus mortos. Suas geleiras agem como rios congelados que se movem lentamente, carregando os corpos dilacerados dos alpinistas como se não passassem de detritos e depositando-os décadas depois em algum ponto muito abaixo do local em que morreram.

Tão comuns quanto repentinas, mortes dramáticas espreitam os alpinistas, só que ninguém acredita que vai *mesmo* morrer a uma altitude elevada. Posso garantir que ao menos eu não acreditava, e nem sequer cheguei a me perguntar se um homem de meia-idade, casado e com dois filhos deveria arriscar a vida daquela maneira. Eu só sabia que amava escalar montanhas: a camaradagem, a aventura, o perigo e, confesso, o bem que fazia ao meu ego.

A verdade é que minha queda pelo alpinismo, por assim dizer, foi uma reação inesperada a uma terrível crise de depressão que começou por volta dos meus 35 anos. A doença afetou minha autoestima, que já era baixa, até que eu caísse em um poço sem fundo de desespero e sofrimento. Fugi de mim mesmo e da vida e cheguei muito perto do suicídio.

Eis que surgiu a salvação. Durante uma viagem em família ao Colorado, descobri os rigores e as recompensas do montanhismo, e pouco a pouco adotei o esporte como minha rota de fuga. Descobri que uma rotina árdua de exercícios podia afastar a escuridão por horas a cada dia. Bendita trégua. Também desenvolvi massa muscular e ganhei mais resistência, duas novas fontes de orgulho.

Quando eu estava em uma montanha (quanto mais deserta e remota, melhor), minha mente conseguia se concentrar, sem distrações, na subida, me convencendo de que alcançar o topo das montanhas mais desafiadoras do mundo era uma prova da minha bravura e da minha masculinidade. Eu me embriagava dos momentos de prazer genuíno, satisfação e confraternização com os outros alpinistas, em meio à natureza.

Entretanto, o remédio estava começando a me matar. Mesmo com o fantasma da depressão enfim afugentado, eu persisti treinando, escalando, treinando e escalando de novo. O montanhismo de altitude e o reconhecimento que me trazia tornaram-se minha vã obsessão. Quando minha esposa, Peach, tentou me alertar para o fato de que aquela paixão vazia estava destruindo o que havia de mais importante na minha vida e que eu estava sistematicamente traindo o amor e a lealdade da minha família, eu ouvi, mas não lhe dei atenção.

Foi ficando patológico. Cada vez mais autocentrado, convenci-me de que suprir com generosidade as necessidades materiais de minha esposa, minha

filha e meu filho era uma demonstração de amor adequada, mesmo tendo-os abandonado emocionalmente. Sempre serei grato a eles por não terem feito o mesmo comigo, até porque, com a enorme quantia que apliquei em seguros de vida, seria sensato ter contratado alguém para provar tudo o que eu comia.

Aliás, a cada uma de minhas longas aventuras em lugares ermos ficava mais claro (pelo menos para a mente inquieta de Peach) que eu ia acabar me matando, o que parecia ser um tema recorrente, ainda que implícito, na minha vida. Relato aqui o que foi necessário para quebrar meu transe. No dia 10 de maio de 1996, a montanha começou a me reivindicar, e eu pouco a pouco sucumbia. A perda de consciência não foi nada desagradável. Entrei em um coma profundo no Colo Sul, onde os alpinistas que escalavam a montanha comigo me abandonariam devido à certeza que tinham sobre minha morte.

Peach recebeu a notícia por telefone às 7h30 da manhã na nossa casa, em Dallas.

No entanto, um milagre ocorreu nesses quase oito mil metros de altitude. Eu abri os olhos.

Minha esposa mal acabara de cumprir a difícil tarefa de contar aos nossos filhos que o pai deles não voltaria para casa quando recebeu um segundo telefonema, avisando que eu não estava tão morto quanto parecera.

De algum modo, e até hoje não entendi como, recobrei a consciência no Colo Sul, recuperando os sentidos num sobressalto que me fez ficar de pé graças a uma visão tão intensa que foi capaz de reativar minha mente. Não sou religioso, sequer tenho um lado espiritualizado, mas posso afirmar que alguma força dentro de mim rejeitou a morte no último instante para em seguida me guiar, cego e vacilante — um morto-vivo, quase literalmente —, até o acampamento e o meu conturbado retorno à vida.

“Mas quando começamos a avançar ouvimos um rugido rouco descendo como uma onda pela montanha. De repente, a nevasca engolfou tudo ao nosso redor. Cresceu num urro ensurdecidor. Uma camada grossa de nuvens encobriu o Colo Sul, envolvendo-nos na brancura... Rapidamente, fez um frio *inacreditável*.

Por instinto, nos juntamos como um rebanho; ninguém queria se separar dos outros enquanto tateávamos e procurávamos nos guiar sentindo o declive do Colo Sul, com a esperança de achar algum vestígio do acampamento. Virávamos para um lado, e nada. Virávamos para o outro, e nada. Em poucos minutos, perdemos todo o senso de direção; não fazíamos ideia de para que lado estávamos virados em meio ao redemoinho de vento, ao barulho, ao frio e ao gelo que soprava.”

